



## DESEMPREGO, ESTUDAR PARA DESENVOLVER

Em Fevereiro, por iniciativa do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento (IED), numa conferência de políticas de desenvolvimento económico e social, o relatório sobre "Recursos Humanos, Educação e Emprego", pôs em destaque dois vectores fundamentais: a formação e o emprego, hoje indissociáveis considerando as permanentes mutações tecnológicas e sociais.

O desenvolvimento daquele trabalho, a cargo de especialistas, procedeu ao levantamento dos principais problemas e avançou com pistas de trabalho correspondentes a medidas susceptíveis de "amplo impacto na mudança estrutural que urge implementar". Refiram-se alguns pormenores demonstrativos do actual estado das coisas.

São grandes as carências de formação nos vários sectores, em especial no primário. Resultados do "Inquérito ao Emprego", do INE, em 1982, cerca de 72 por cento da população empregada não possuía mais que a escolaridade obrigatória e somente 3 por cento daquele conjunto tinha uma habilitação académica de grau superior (13 por cento para a Irlanda e 15 para a RFA). É insuficiente a oferta de emprego. A população activa empregada na agricultura é de 20 por cento contra 7,2 dos países da CEE. Em finais de 1983, os trabalhadores com contrato a prazo por conta de outrem era de cerca dos 14 por cento. As condições de trabalho agravaram-se, sendo o atraso no pagamento de salários e a prática de salários com níveis inferiores ao estabelecido por regulamentação expressões mais evidentes. Factos que comprovam a "fraqueza qualitativa da estrutura do emprego" e uma "política de emprego insuficientemente transparente e dinâmica".

Para outro especialista, o Dr. Mil-Homens (professor no ISE) é evidente uma tendência para a terciarização do emprego: quebra muito rápida no primário e um crescimento ainda mais rápido nos Serviços; entre 1970 e 1982 a agricultura perdeu cerca de 434 mil activos e os empregos "não agrícolas" terão aumentado em mais de 830 mil. Registam-se alguns indícios para a diminuição do horário de trabalho: é uma temática que vai ganhar cada vez maior acuidade. Sinais visíveis do aumento do desemprego: em 1984, no conjun

to dos países da OCDE, Portugal tinha uma taxa de 11,75 por cento, ultrapassada na Bélgica (14,5) Irlanda (16,75), Holanda (15,0) Espanha (19,5) e Turquia (16,25). Em 1983, o valor encontrado para o nosso país situava-se em 9,3% por cento. Relativamente ao período que decorre até ao ano 2000, "se as tendências do passado se mantiverem no essencial", a preocupação mais saliente será a de saber "onde empregar as cerca de 700 mil pessoas a mais em relação à actualidade que procurarão emprego". Numa hipótese optimista, segundo o autor da comunicação, poderão os serviços absorver "mais de 930 mil que actualmente, devendo a agricultura libertar ainda cerca de 520 mil até lá". A taxa de desemprego seria assim da ordem dos 7 por cento, mas num cenário mais desfavorável subiria para cerca de 17 por cento.

Alguns destes dados, que são reflexos de uma iniludável realidade, poderão contribuir para um melhor conhecimento de um problema que, directamente, nos fere a todos.

## Fundação Cuidar o Futuro

